



GT 014. Antropologia das Emoções

Maria Claudia Pereira Coelho (ICS/UERJ) -
 Coordenador/a, Ceres Victora (UFRGS) -
 Coordenador/a, Eduardo Moura Pereira Oliveira
 (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) -
 Debatedor/a, Raphael Bispo dos Santos (UFJF) -
 Debatedor/a, Lara Beleli (Núcleo de estudos de
 Gênero - Pagu/UNICAMP) - Debatedor/a

A antropologia das emoções vem se consolidando como área autônoma no Brasil há cerca de vinte anos. Ao longo desse percurso, podemos identificar um conjunto de temáticas agrupadas em torno de dois eixos principais: as temáticas ligadas a áreas da vida associadas à dimensão privada e as temáticas vinculadas ao mundo público. Para as primeiras, podemos arrolar problemas de pesquisa ligados ao corpo, à sexualidade ou a saúde/doença; para as segundas, listamos os movimentos sociais, a violência ou os universos profissionais/institucionais. Esse Grupo de Trabalho tem como proposta avançar na superação dessa dicotomia, incluindo em seus focos de interesse, ao lado do elenco já canônico de temáticas passíveis de abordagem pela antropologia das emoções, novos problemas concebidos sob a égide da reflexão sobre essa dicotomia. As principais temáticas a serem contempladas são: a) emoções e instituições/práticas estatais; b) emoções e políticas públicas; c) emoções, moral e formas do cuidado; d) emoções, violência e vitimização; e) emoções e movimentos sociais; f) emoções e discursos/práticas profissionais; g) corpo, sensorialidade e emoções; h) emoções, gênero e sexualidade; i) emoções e experiências de saúde/doença.

O veneno e a adrenalina na vida do crime?: narrativas de adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas

Autoria: Danielli Vieira

A apresentação consiste na discussão a respeito de emoções e sensações que permeiam a experiência de adolescentes no que eles circunscreveram como vida no crime. Elas foram desenvolvidas a partir de duas etnografias centradas em narrativas de meninas e meninos em cumprimento de medidas socioeducativas. A primeira pesquisa de campo foi realizada em instituições de internação para meninos: locais em que viviam longos períodos de isolamento e privados de liberdade. Nesse contexto o que mais chamou a atenção sobre a experiência de internação narrada pelos jovens foi a questão de uma acentuação da dimensão de estar no veneno e da narração como possibilidade de desabafo, de colocar para fora o que eles chamavam de veneno. Tal categoria apareceu quando descreviam sua condição atual (estar preso) e também nas referências aos aspectos de sofrimento, de dificuldades na vida que levavam ao crime. A segunda pesquisa de campo deu-se em locais nos quais eram aplicadas medidas socioeducativas de semiliberdade e de liberdade assistida para meninas e meninos. Nesse cenário em que estavam sob menos vigilância e não submetidos a castigos corporais, vieram à tona relatos sobre situações em que sofreram castigos, torturas, humilhações dentro das instituições de internação e na rua. Além disso, outro conjunto de emoções por eles tratadas em geral em termos de adrenalina - permeou as narrativas e se refere a uma dimensão bem diferente: de aventura, de diversão, de experimentação. Trata-se, assim, de uma aproximação a uma experiência em que se vive, ao mesmo tempo, no veneno com sensações que misturam angústia, sofrimento, raiva e tristeza e na intensidade de uma vida loka marcada por adrenalina, presenteísmo, alterações via uso de drogas. Discute-se, também, a função terapêutica da narrativa como forma de desabafo, bem como a elaboração do veneno, dos castigos e torturas sofridos, em termos de fortalecimento. Argumenta-se que diferentes emoções como o veneno e a adrenalina fazem parte de um quadro mais geral de uma série de dimensões que compõem a experiência no crime. Em cada uma, há

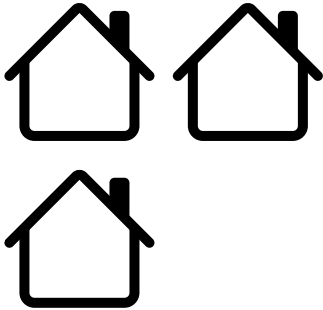


valores, linhas de sujeição e/ou subjetivação, mundos de referência, acionados de acordo com os contextos de ação e de comunicação e de acordo com os sujeitos em relação. As emoções discutidas constituem, além disso, determinados corpos e participam centralmente dos processos de subjetivação desses adolescentes. Vidas em que se tem um destino certo: ?hospital, cadeia e caixão?, mas que são constituídas ? via processos de subjetivação e de uma série de resistências - como vidas que valem a pena ser vividas.

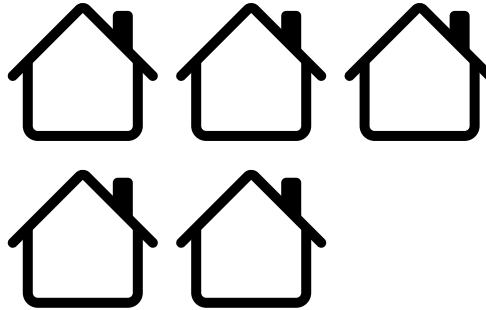
[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

